27/07

PROTÓTIPOS LEXICAIS DE DERIVAÇÕES SUFIXAIS EM *–ANÇA/-ENÇA, -ÂNCIA/-ÊNCIA* NO PORTUGUÊS

Andréa Lacotiz

(Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo)

Introdução

O léxico de uma língua não é um sistema compacto, apesar de haver sobre ele compilações de suas unidades e tentativas de desenvolver um conhecimento sistemático que alcance suas categorias, possibilite a ordenação e classificação pormenorizadas de seus constituintes e esmiúce suas relações. Os estruturalistas, na segunda metade do século XX, criaram premissas segundo as quais todas as palavras podem ser segmentadas. Os gerativistas, por sua vez, adotaram essas premissas e acrescentaram a elas o fato de que todo o falante de uma língua é capaz de julgar questões de agramaticalidade. Com base nesses pressupostos, seria preciso esmiuçar os modelos em que falantes se baseiam para formar novas palavras.

Desse modo, criaram-se as RPF (regras de formação de palavras) abrangidas pelas RAE (regras de análise de palavras). Os gerativistas procuraram explicar a chamada "produtividade", apontando os princípios e processos verificados na formação de novas palavras, analisando regras e regularidades na combinação de morfemas. O léxico seria, então, alimentado pela capacidade intuitiva do falante, que desconhece a origem histórica das palavras. Em decorrência, a análise dessa formação deveria desconsiderar etapas anteriores, concentrando-se tão-somente na etapa sincrônica atual.

Primeiramente, é preciso demonstrar o que significa levar a cabo os postulados adotados nessas teorias. Segundo Vilela (1994:63), a criação das RPF baseou-se em uma lista finita de itens lexicais (bases) e uma lista finita de afixos, cuja combinação resulta uma lista finita de regras de derivação. Essas regras de derivação seriam válidas para todo o tipo de formação de palavras derivadas - sufixação, prefixação, parassíntese, composição, conversão e encurtamento. Em se tratando da sufixação, seria possível depreender, por exemplo, que de um determinado verbo, *exorbitar*, formou-se um substantivo, *exorbitância*. A RPF, nesse caso, seria $X^{-ar} > X^{-ância}$, modelo formativo observável devido à coexistência de verbos e nomes e a reiteração dessa coexistência pertinente a outros derivados de mesmo sufixo, elementos suficientes para se extrair a direcionalidade derivacional. O sufixo classifica-se, desse modo, como deverbal formador

de substantivos abstratos: exorbitar > exorbitância; exuberar > exuberância; extravagar > extravagância.

No entanto, a direcionalidade derivacional fica comprometida quando procuramos aplicar a RPF em todas as palavras: qual seria o verbo derivante de *concomitância*, de *infância* ou de *petulância*, nomes abstratos formados pelo mesmo sufixo? Diante da inconveniência teórica[1], Rocha (1998:133) procurou explicá-la: "(...) *Trata-se, porém, de casos restritos. É preciso lembrar que 'gramática não é matemática', ou seja, o que se deve levar em consideração são as tendências, as linhas gerais*." Além de a explicação dada parecer-nos bastante evasiva, para aceitar o postulado dessa RPF, deveríamos supor que, na linguagem humana, os verbos sempre vêm antes dos substantivos. A propósito dessa afirmação, Viaro(2007:52), esclarece:

> *"(...)um linguista sabe que o infinitivo é apenas uma das formas de flexão verbal, a usada nos dicionários de português (...). A "primitividade" do infinitivo é, portanto, algo cultural, extralinguístico, aprendido nas instituições e divulgado oralmente e pela escrita. Em si nada há para afirmar que a forma simples seja a do infinitivo".*

Se não é possível afirmar que a forma simples de um verbo é o infinitivo, também não se pode garantir que essa categoria seja, historicamente, precedente dos nomes. Ao nosso ver, a direcionalidade em processos de derivação não constitui a orientação da forma, mas estudar a derivação significa remontar a origem formal e semântica de uma palavra, isto é, verificar sua etimologia. Os estudos diacrônicos pressupõem a própria gênese da derivação, já que na relação derivante/derivado as *"duas palavras não surgiram ao mesmo tempo*" (*ibidem*).

1. Diacronia e influência

Em relação ao estudos morfológicos, a herança lexical latina é fato. Atrelados à etimologia, a investigação nas línguas neolatinas, especialmente as que historicamente tiveram maior influência sobre o português, é um dado essencial, pois, sem ele, deveríamos supor que falantes do português jamais tiveram contato com outras culturas ou com falantes de outras línguas, nas diversas etapas sincrônicas por que passou o português.

Ao nos depararmos com a necessidade de expressar determinados conceitos, mais fácil que criar é recorrer ao que nos tornou conhecido pelo contato com outros universos

[1] As RPF não são postuladas apenas mediante a transcategorização gramatical, mas leva-se também em conta a operação semântica proporcionada pelo acréscimo do sufixo. Se, por um lado, como iremos demonstrar, os postulados são insuficientes para explicar os processos de derivação, por outro, evidenciam a polissemia dos sufixos, rechaçada nos livros de gramática normativa.

culturais. Assim, se uma palavra já existe em outra língua, é mais admissível que ela se tenha disseminado para outras línguas do que aceitar que tenha havido a pura e simples coincidência, segundo a qual duas palavras, de idêntico processo formativo, foram criadas em momentos diferentes e lugares ou línguas distintos.

O Dicionário Houaiss registra a datação de entrada das palavras no português, com indicação da fonte onde ocorreram. A fim de reconstruir as etapas por que passaram, selecionamos 250 substantivos formados pelos sufixos *-ança*/*-ença*, *-ância*/*-ência* e registrados nessa obra. Verificamos sua usualidade por meio do *Google*, buscador *online* que reúne cerca de 500 milhões de páginas em português na *internet*. Cabe acrescentar que os organizadores do Dicionário Houaiss se propuseram a incluir o elemento histórico na informação de seus verbetes, por isso a seleção dessa obra, e não de outro dicionário do português, foi considerada essencial aos propósitos de nossa pesquisa[2].

Diante das premissas anteriormene discutidas, verificamos os registros de outros dicionários, aqueles representativos do latim clássico e medieval e de outras línguas, a saber: o inglês, o francês, o italiano e o espanhol, conforme consta em nossa referência bibliográfica. As obras foram consultadas com o propósito de verificar a datação, a etimologia dada, as acepções registradas e compará-las com o registro das mesmas palavras no Dicionário Houaiss. A observação atenta das informações trazidas pelo Dicionário Houaiss em confronto com os dados obtidos pela nossa pesquisa apontou inúmeras divergências etimológicas. Assim, propusemos novas etimologias justificadas por meio de dados encontrados nos dicionários pesquisados, uma vez que a palavra não procedia do latim clássico. A língua cuja datação do vocábulo era a mais antiga foi tomada como origem da palavra, respeitados os processos de motivação morfêmica e semântica.

Não temos, entretanto, a pretensão de reconstruir a trajetória de um vocábulo, práxis demasiadamente difícil, mas analisar seu momento de criação e alcançar o seu protótipo. Isso porque caso uma palavra tenha sido documentada primeiramente numa dada língua, é possível que ela tenha passado a uma segunda e, a partir desta, tenha chegado ao português. Podemos intuir alguns casos extraídos de nosso *corpus*, a exemplo de *ricurrenza*, palavra criada no italiano, em 1640[3], a qual originou, no francês, *récurrence* (1842) e, no português, *recorrência*, cuja forma, em 1877, era *recurrência*, de acordo com informações do Dicionário Houaiss. No séc. XIX, a influência francesa é muito forte e

[2] Mauro de Salles Villar comenta, na apresentação do dicionário, as fases por que passou o processo de elaboração da obra, dentre elas o máximo cuidado na datação das unidades lexicais.
[3] Neste artigo, em relação à falta de padronização das datas, seguimos os registros constantes nos dicionários.

presente na cultura brasileira e na portuguesa; hipoteticamente, a palavra pode ter-se

Nova proposta	**Etimologia segundo o Dic. Houaiss**					
	deverbal	**latim não especificado**	**base latina**	**deadjetival**	**denominal**	**outras formações**
latim clássico	precedência, subsistência	conferência, divergência				
latim	concomitância, exorbitância, insistência,		docência	onisciência		inconfidência

tornado conhecida pelos falantes do português através do francês.

2. Novas propostas etimológicas

medieval	persistência, residência, superintendência					
francês	concordância, concorrência, confiança, correspondência, dependência, importância, inerência, ocorrência, predominância, presidência, regência, transparência, vingança	incidência	tendência, vidência			independência
italiano	alternância, convergência, decorrência, estância, implicância, inadimplência, mendicância, preponderância, recorrência, sobrevivência	agência, consistência		tangência	festança, vizinhança	
espanhol	andança, cobrança, condescendência, estância governança, lembrança, ordenança, procedência, segurança, transferência					fiança
inglês	militância, relutância, subserviência	advertência, referência		proficiência, saliência		

Acima, reproduzimos tabela contrastiva, com as informações dadas pelo Dicionário Houaiss e os elementos de nossa pesquisa. Substantivos altamente frequentes, formados pelos sufixos *-ança*/ *-ença*, *-ância*/*-ência*, não encontraram sua origem no Dicionário Houaiss, porque é comum, por parte de lexicógrafos, registrarem, no campo etimológico de um substantivo, um verbo, mesmo quando a datação deste é posterior à daquele. Os substantivos *conferência* e *divergência*, dados como sendo do latim medieval, na verdade, já existiam no latim clássico. Em relação aos substantivos *docência*, *tendência* e *vidência*, são apontados seus respectivos radicais latinos como elementos formadores, no português.

Existem casos em que a direcionalidade derivacional fica comprometida pela própria afirmação do dicionário, quando este informa um adjetivo ou um substantivo como base da derivação sufixal, como nos substantivos *onisciência, proficiência, saliência, tangência, festança e vizinhança*. I*nconfidência* e *independência*, provindos, respectivamente, do latim medieval e do francês, eram simples processos de prefixação,

segundo a obra. Por fim, *fiança* é empréstimo do espanhol e não do francês, como quer o dicionário, já que aquela língua a regista em ano anterior, (1095), a esta (1100).

O Grupo de Morfologia Histórica do Português (GMHP)[4] adotou, para o caso de palavras advindas de outras línguas, siglas segundo o padrão internacional *ISO 639-2* (*http://www.loc.gov/standards/iso639-2/php/English_list.php*), que possibilitam a classificação etimológica da língua de origem, adotada neste trabalho, definidas como segue:

Inglês: ***eng***

Inglês medieval (1100 – 1500): ***enm***

Francês: ***fre***

Francês antigo (842 – 1400): ***fro***

Francês medieval: (1400 – 1600): ***frm***

Italiano: ***ita***

Espanhol: ***spa***

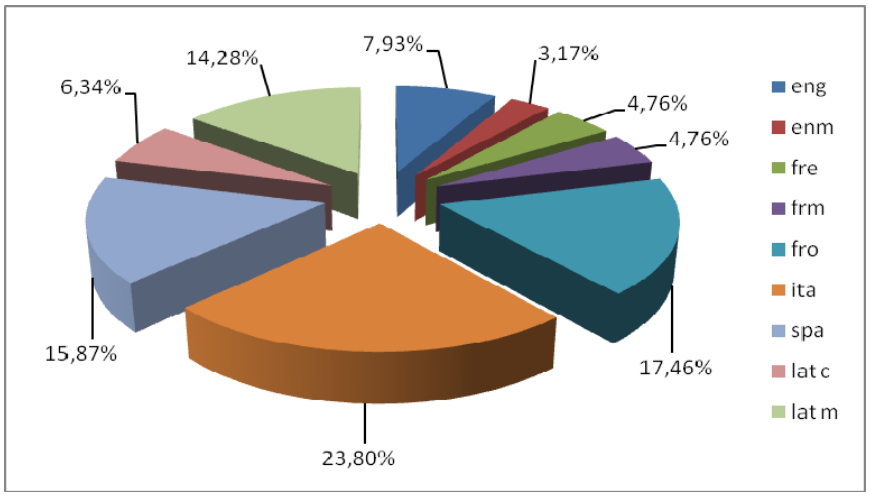
A padronização não previne distinção para o latim, método também acatado pelo GMHP. Embora isso ocorra, no presente trabalho, a título de ilustração, discernimos as palavras do latim clássico daquelas criadas no latim medieval, referidas da seguinte maneira:

Latim clássico: ***lat c***

Latim medieval: ***lat m***

Os resultados de nossa pesquisa mostram que 25,2% dos vocábulos investigados possuem etimologia equivocada no Dicionário Houaiss. Na verdade, 20% das palavras são empréstimos e 5,2% são palavras já existentes no latim. Dos 63 apontamentos, as origens subdividem-se como no gráfico abaixo:

[4] www.usp.br/gmhp



3. Os desafios do apontamento etimológico

Cabe ressaltar que o apontamento de novas etimologias não se deu apenas mediante a averiguação de datas. A verificação de dados semânticos e a observância da forma, bem como ocasionais alterações mórficas, tiveram também extrema importância, especialmente nas circunstâncias em que a datação registrada era muito próxima ou inexata. Comentaremos, a seguir, alguns casos, anotando as dificuldades encontradas e apontando os métodos e conclusões adotados, após meticulosa reflexão.

Segundo o Houaiss, *confiança* (séc. XIII) procede de *confiar* (séc. XIII). O verbo *confiar* provém do latim clássico *confidere*, relacionado a seus respectivos particípio presente, *confidens*, e substantivo, *confidentia*. O substantivo latino gerou, no português, *confidência* (1540); no italiano, *confidenza* (séc. XIV); no inglês, *confidence* (1430); no espanhol, *confidencia* (séc. XVII); e no francês, *confidence* (1370). À primeira vista, parece correto o apontamento do dicionário brasileiro, pois as formas presentes nas demais línguas é distinta.

No entanto, no francês, do substantivo latino *confidentia* provém *confidence* e *confiance* (séc. XV), cuja grafia, no séc. XIII, era *confience*. Por isso, no português temos *confiança* e *confidência*; e no espanhol, *confianza* (1400) e *confidencia*. O italiano e o inglês não registram a forma alternada *confiance*, advinda do francês. Importante notar que francês, espanhol e português assinalam significados distintos para *confiança* e *confidência*. *Confiança*, sinônimo de “crença em algo ou em alguém”. *Confidência* designa também uma comunicação particular, em segredo. No latim clássico, o substantivo era apenas sinônimo de confiança. O acréscimo semântico, confiar segredos, provavelmente se deve ao uso por parte da igreja, como sinônimo de confissão.

A lexicografia tem por regra adotar entradas distintas em casos de palavras homógrafas, porém de significados e origens diferentes. O registro da palavra costuma aparecer precedido de um número sobrescrito, que indica haver outra(s) entrada(s); registra-se, em cada uma delas, as respectivas acepções, etimologias e, no caso do Houaiss, as datações.

Em relação ao verbete *estância*, o Dicionário Houaiss o registra, apenas em uma entrada, com os vários significados que o termo possui: "ação de estar", "lugar onde se passa uma temporada", "moradia". Além dessas, registra também, como derivação por extensão de sentido, o significado de "grande propriedade rural" e "grupos de versos" ou "estrofe".

Apesar de a base ser o verbo *estar*, ou *stare* no latim, os significados possuem percursos diferentes. *Estancia*, no espanhol, ocorre desde 1251. A palavra estendeu-se às outras línguas: no francês, *estancia* (1838), grafado como na língua de origem, tem seu étimo registrado no espanhol; no português, *estância* (séc. XIII); no italiano, *stanza* (séc. XIII).

No italiano, *stanza*, com a acepção de estrofe, ocorre desde 1525, procedente do latim medieval *stantia* (CORTELAZZO & ZOLLI: 1988):

> *"(...)periodo di versi costituente l'unitá métrica della canzone (stantia 'strofa' nel lat. méd. Del Barberino, nel sign di 'canzone' (1525)."*

Não encontramos registro para **stantia*, no latim medieval. Porém, no francês é registrada a palavra *estancia* (1838), do espanhol, e *stance* (1550), do italiano. Dessa forma, semelhante ao que ocorre no dicionário da língua francesa, deveria haver duas entradas para o verbete no dicionário brasileiro.

Por outro lado, no Dicionário Houaiss, encontramos duas entradas para o substantivo *referência*; apenas uma delas é datada de 1858, sobre a qual o dicionário fornece a origem do latim, *referentia*. A outra entrada possui o significado de "nota informativa de remissão em uma publicação", e o dicionário aponta a procedência do inglês *reference*.

Não encontramos o vocábulo em nenhuma das obras em latim pesquisadas. Por outro lado, a palavra está presente: no francês, *référence* (1820); no italiano, *referenza* (séc. XIX); no espanhol, *referencia* (séc. XIX). No inglês, documenta-se o substantivo *reference* 1589.

Importante citar que em todas as línguas em que foi encontrado o substantivo, a palavra possui significado idêntico ao do inglês, inclusive o português, em suas duas

entradas. No inglês, o significado de “nota informativa” trata-se de uma extensão do sentido primeiro, que assume um tom mais concreto. Sendo assim, não encontramos justificativa para o procedimento de estabelecer duas entradas para o verbete, no dicionário brasileiro.

Em relação ao procedimento adotado pelo Dicionário Houaiss, observado nos casos acima descritos, não foram considerados os significados das palavras, como era de se esperar. Levou-se em conta apenas a forma e sua origem morfêmica, sem verificação em outras línguas neolatinas.

4. Etimologias opacas

Em 18 palavras (7,2%), não foi possível apontar com segurança a etimologia. Todavia, as explicações não cabem neste artigo. Sobretudo, tal fato não prejudicou os resultados posteriores de nossa pesquisa, pois, em todos os casos, havia equívoco quanto ao apontamento feito pelo Dicionário Houaiss. A verificação etimológica constitui-se um dos fundamentos que permitem avaliar se uma palavra possui, ao mesmo tempo, motivação morfêmica e semântica, com a qual se pode falar em derivação sufixal.

Um exemplo dos obstáculos encontrados no percurso de remonte das origens é a palavra *criança*, cujo étimo sempre foi muito polêmico. O Dicionário Houaiss, de acordo com o critério já mencionado, informa que *-ança* trata-se de sufixo formador de substantivos deverbais; consequentemente *criança* vem de *criar*. O sufixo *–ança*, em seu percurso derivativo, formou muitas palavras de cunho mais popular[5], sendo, portanto, mais sujeito a formações irregulares, tais como *amigança* (séc. XIV), *tardança* (séc. XIII), nas quais se juntou a outras classes gramáticas diferentes de verbos e substantivos, especialmente no português arcaico.

Desse modo, torna-se importante verificar o léxico condizente ao período de registro inicial da palavra. *Criança* é datada do séc. XIII, período no qual sincronicamente já havia a palavra *cria* (1276), que designa ‘animal recém-nascido e/ou que ainda mama’. Por analogia a essa acepção, segundo o próprio Dicionário Houaiss, no uso informal, a palavra é usada como sinônimo de “criança”. Assim, é possível que *cria* tenha gerado *criança*, para discernir o que é humano do que é animal, de forma coerente com os tipos de formação ocorrentes no português arcaico.

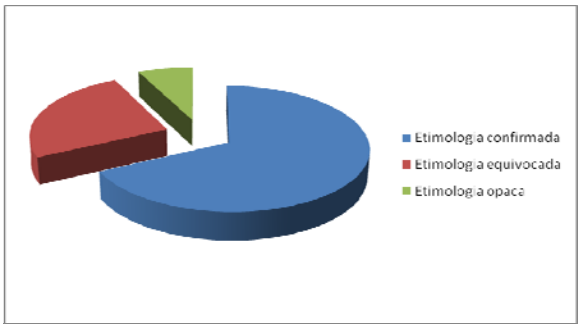
[5] Apud Lacotiz (2007:88).

Vale ressaltar que a busca desenvolvida baseou-se em corpus lexicográfico, critério por nós adotado e seguido como método de pesquisa. A inexatidão etimológica das palavras acima analisadas só poderia ser superada mediante a pesquisa em *corpora* compostos de diversos gêneros textuais da língua portuguesa e de línguas estrangeiras.

Conclusões

Os dicionários podem ser fontes de consulta bastante profícuas a respeito dos sufixos e de palavras derivadas, já que se prestam a investigar o léxico de uma dada língua e fornecer as definições de inúmeras palavras. O Dicionário Houaiss é a primeira obra lexicográfica de língua portuguesa a se preocupar com a datação dos verbetes e a organização das definições quanto à acepção mais antiga e as que ocorreram por derivação semântica. Em relação à etimologia, os autores se propuseram a mencionar o étimo imediato de cada palavra. A preocupação dos organizadores do Houaiss é desde muito encontrada na obra de lexicógrafos ingleses, franceses e italianos, por isso a publicação de uma obra como a de Villar e Houaiss é, sem dúvida, uma conquista para os estudos de língua portuguesa.

Entretanto, a seleção de nosso *corpus* mostrou, em muitos verbetes, a contaminação da teoria gerativista, pois sem se preocuparem com a data referida pela própria obra, informam palavras registradas posteriormente como étimo de palavras mais antigas. Em outras situações, é como se, no português, a criação de uma palavra tivesse tomado por base uma palavra latina, feitas as eventuais correções gráficas, como um decalque, sem se aterem à existência dos metaplasmos. Dessa forma, ignora-se tanto o percurso do sufixo, desde o latim até as línguas românicas, quanto a influência de outras culturas. Em relação às palavras pesquisadas, a falha etimológica constituí-se um montante considerável:



Sendo assim, a consulta em obras de línguas neolatinas ou de forte influência cultural no português, caso do inglês, mostrou-se bastante elucidativa e, se não forneceu a resposta definitiva para o étimo de uma palavra, ao menos evidenciou o equívoco de se registrar a criação de certas palavras no português.

Referências bibliográficas

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BATTISTI, Carlo & ALESSIO, Giovanni. *Dizionario etimologico italiano.* Firenze: Barbèra, 1950.

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario portuguez e latino*. Coimbra-Lisboa: Colégio das Artes, 1712-1728.

BRADLEY, H., CRAIGIE, W. A. & ONIONS, C.T. *The Oxford English Dictionary - Introduction, supplement and bibliography of a new english dictionary on historical principles*. Oxford: at the Clarendon, 1933.

BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica*. Trad. Eduardo Guimarães. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

COROMINAS, Juan & PASCUAL, José A. *Diccionario critico etimologiaco castellano e hispanico*. Madrid:Gredos, 1991.

CORTELAZZO, Manlio & ZOLLI, Paolo. *Dizionario etimologico della lingua italiana.* Bologna: Zanichelli, 1988.

GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 1934.

HOUAISS, Antonio & VILLAR, Mauro S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOVEN, René. *Lexique de la prose latine de la Renaissance*. Leiden/ New York: Brill, 1994.

LACOTIZ, Andréa. *Estudo diacrônico da função e dos valores semânticos dos sufixos -ança/-ença, -ância/-ência*. São Paulo, 2007. 113 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

REY-DEBOVE & REY (org.). *Nouveau Petit Robert: Dictionnaire analogique et alphabétique de la langue française*. Version 1.3. Paris: Dictionnaires Le Robert; 1996-97. CD/ROM.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. Estruturas morfológicas do português. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

SANDMAN, José. Antonio. *Competência lexical*. Curitiba: UFPR, 1991.

SOUTER, Alexander. *Glossary of a later latin*. Oxford: at the Clarendon, 1957.

STELTEN, Leo F. *Dictionary of eclesiastical latin*. Peabody: Hendrickson, 1995.

VIARO, Mário Eduardo. *Estudo diacrônico da formação e da mudança semântica dos sufixos -eiro/-eira na língua portuguesa*. In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis et alii (org) Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: fonologia, morfologia, sintaxe. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2007, Série Trilhas linguísticas n. 12, p. 45-84.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.